

COLÉGIO PEDRO II
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA,
EXTENSÃO E CULTURA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU –
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM SABERES E
FAZERES NO ENSINO DE ARTES VISUAIS

VITÓRIA LUIZA CARNEIRO DE SOUZA

TREM-ESCOLA-ESCOLA-TREM:
Percursos Poéticos entre Trem, Rua, Escola e Ensino de
Artes Visuais na Baixada Fluminense

Rio de Janeiro

2025

VITÓRIA LUIZA CARNEIRO DE SOUZA

TREM-ESCOLA-ESCOLA-TREM:

Percursos Poéticos entre Trem, Rua, Escola e Ensino de Artes Visuais na Baixada Fluminense

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentada ao Programa de Especialização Saberes e Fazeres no Ensino de Artes Visuais, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Orientador(a): Prof. Dr. Edvandro Luise Sombrio de Souza

Rio de Janeiro

2025

COLÉGIO PEDRO II

PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA

BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER

CATALOGAÇÃO NA FONTE

S729 Souza, Vitória Luiza Carneiro de
Trem-escola-escola-trem : percursos poéticos entre trem, rua, escola
e ensino de artes visuais na Baixada Fluminense / Vitória Luiza Carneiro
de Souza. – Rio de Janeiro, 2025.

41 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Saberes e
Fazeres no Ensino de Artes Visuais) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de
Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura.

Orientador: Edvandro Luise Sombrio de Souza.

1. Artes visuais - Estudo e ensino. 2. Cotidiano escolar. 3. Baixada
Fluminense (RJ). 4. Professores de arte. I. Souza, Edvandro Luise
Sombrio de. II. Colégio Pedro II. III. Título.

CDD 707

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Simone Alves – CRB7 5692.

VITÓRIA LUIZA CARNEIRO DE SOUZA

TREM-ESCOLA-ESCOLA-TREM:

Percursos Poéticos entre Trem, Rua e Escola no Ensino de Artes Visuais na Baixada Fluminense

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação Lato Sensu – Curso de Especialização em Saberes e Fazer no Ensino de Artes Visuais, ofertado pela Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Aprovado em 16 de agosto de 2025.

COMISSÃO EXAMINADORA

Dr. Edvandro Luise Sombrio de Souza

Orientador

Colégio Pedro II

Dr. Marcelino Euzebio Rodrigues

Colégio Pedro II

Dr. Rafael Schultz Myczkowski

Instituto Nacional de Educação de Surdos

Rio de Janeiro

2025

À memória de minhas avós, Batista e Zezé.

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, Ed, por todos os ensinamentos que compartilhou comigo com paciência, cuidado e leveza, desde os tempos em que eu era sua estagiária. Agradeço por ter acompanhado o meu processo tão de perto que até mesmo, em um dia de chuva forte, pegou o trem na Central do Brasil e conheceu a escola e as/os estudantes de Japeri.

Ao corpo docente desta Pós-Graduação, por me fazerem seguir acreditando em uma educação pública e de qualidade.

Às amigas e aos amigos de turma, que, entre conversas, risadas e cafés, fizeram um ano inteiro passar em um piscar de olhos.

À minha mãe e ao meu pai, por me incentivarem e me apoiarem a seguir estudando, sempre.

À minha irmã, pelos conselhos e opiniões tão inteligentes.

Ao meu parceiro, Raphael, por acompanhar de forma tão envolvida cada passo dado para a realização desse trabalho.

RESUMO

SOUZA, Vitória Luiza Carneiro de. **TREM-ESCOLA-ESCOLA-TREM: Percursos Poéticos entre Trem, Rua, Escola e Ensino de Artes Visuais na Baixada Fluminense**. 2025. Monografia (Especialização) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura, Programa de Especialização Saberes e Fazeres no Ensino de Artes Visuais, Rio de Janeiro, 2025.

O presente trabalho consiste em uma reflexão escrito-imagética a partir da vivência docente de uma professora de Arte das redes municipais de educação de Japeri e Nilópolis, na Região Metropolitana do Rio de Janeiro. O estudo busca explorar, de forma sensível e subjetiva, as experiências escolares cotidianas, especialmente nas aulas de Arte, em diálogo com os deslocamentos diários feitos de trem e a pé pela professora até a escola, compreendidos como parte de seu processo de criação artístico-pedagógico. É produzido, então, um caderno de artista, que também pode ser interpretado como um diário de bordo, estruturado de forma processual e a partir de uma perspectiva autorreferenciada (Haraway, 1995; Viera 2016). Composto por fotomontagens, colagens, adesivos e desenhos (imagens de sua autoria, de estudantes e de coautoria entre ambos), o caderno funciona como um espaço de registro e reflexão da autora que, enquanto professora-artista, busca criar uma narrativa dialógica entre arte, educação, cotidianos e percursos e, inspirada pelo livro *Guia Afetivo da Periferia* (Faustini, 2009), ir contra narrativas hegemônicas e desumanizadas sobre a educação pública na Baixada Fluminense.

Palavras-chave: cotidiano escolar; ensino de artes visuais; Baixada Fluminense; caderno de artista; vivência docente.

ABSTRACT

SOUZA, Vitória Luiza Carneiro de. **TREM-ESCOLA-ESCOLA-TREM: Percursos Poéticos entre Trem, Rua, Escola e Ensino de Artes Visuais na Baixada Fluminense.** 2025. Monografia (Especialização) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura, Programa de Especialização Saberes e Fazeres no Ensino de Artes Visuais, Rio de Janeiro, 2025.

This written and imagetic reflection stems from the teaching experience of a Visual Arts teacher working in the municipal school systems of Japeri and Nilópolis, in the Metropolitan Region of Rio de Janeiro. The study seeks to explore, in a sensitive and subjective manner, everyday school experiences, especially within Art classes, in dialogue with the teacher's daily commutes by train and on foot to the school, which are understood as integral to her artistic-pedagogical creation process.

An artist's sketchbook is produced, which can also be interpreted as a *logbook*, structured in a processual way and grounded in a self-referential perspective (Haraway, 1995; Vieira, 2016). Composed of photomontages, collages, stickers, and drawings (including images by the author, by students, and co-created by both), the notebook serves as a space for recording and reflecting. As a teacher-artist, the author seeks to construct a dialogical narrative between art, education, daily life, and movement. Inspired by the book *Guia Afetivo da Periferia* (Faustini, 2009), this work challenges hegemonic and dehumanizing narratives about public education in the Baixada Fluminense.

Keywords: school everyday life; visual arts education; Baixada Fluminense; artist's sketchbook; teacher's lived experience

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	O CADERNO	14
3	DO ATO DE COLECIONAR COTIDIANOS.....	18
4	O TREM.....	23
5	DO COTIDIANO ESCOLAR E O ENSINO DE ARTES VISUAIS	31
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
	<u>REFERÊNCIAS</u>	41

1 INTRODUÇÃO

Esse trabalho segue uma perspectiva autorreferenciada e, conseqüentemente, subjetiva. Trata-se de assumir uma posição situada como ponto de partida para a reflexão. Essa escolha se fundamenta no que Donna Haraway (1995) conceitua como *objetividade feminista*, uma objetividade corporificada a partir de saberes localizados e de uma perspectiva parcial (Haraway, 1995, p. 18-21). Essa concepção de objetividade se destina “a quem não se permite não ter um corpo, um ponto de vista finito e, portanto, um viés desqualificador” (Haraway, 1995, p. 7).

Contudo, com essa escolha metodológica, não tenho a pretensão de colocar a experiência individual e a parcialidade da minha perspectiva como um critério universalizante. Como afirma Helena Viera (2016), as vivências estão socialmente localizadas e se compartilham a partir de coletividades. Ao comentar o conceito de *saber pela vivência*, ela destaca que as vivências também estão implicadas em relações de poder e podem, inclusive, colonizar outras. Embora o trabalho tenha enfoque em vivências pessoais, essas vivências não são acontecimentos individuais. Nesse sentido, a perspectiva autorreferenciada, neste trabalho, busca uma abertura ao coletivo, tendo em vista que a vivência e a coletividade são inerentes. Volto, então, ao conceito da objetividade feminista, que, como explica Haraway (1995, p. 21), “trata da localização limitada e do conhecimento localizado, não da transcendência e da divisão entre sujeito e objeto. Desse modo podemos nos tornar responsáveis pelo que aprendemos a ver.”

Ao escolher falar a partir de vivências próprias, entendo que é importante saber o lugar social em que ocupo e as complexidades que atravessam identidades, inclusive, a minha. É o que atravessa leituras feitas durante a realização desse trabalho, como em *La güera*, escrito por Chérrie Moraga, em 1979, texto no qual constrói seu pensamento a partir de sua própria vivência e memórias de sua mãe para escrever sobre questões de gênero e classe. Em um trecho que a escritora fala sobre a fragilidade das relações entre mulheres de lugares sociais diversos, e sobre isso ser a indicação da nossa incapacidade de enfrentarmos seriamente a nós mesmas, ela cita duas perguntas: Como internalizei minha própria opressão? Como eu oprimi?¹ (Moraga, 1979, p.

¹ Tradução livre da autora a partir do original em espanhol

22). Tais questões ressoam na construção deste trabalho. Escolher uma perspectiva autorreferenciada é reconhecer que minha prática docente está situada, atravessada por estruturas sociais de opressão. Entendo que só é possível transformar a prática, nesse caso, a prática docente no Ensino de Artes Visuais, quando nos perguntamos sobre o lugar de onde falamos, sobre o que internalizamos e também sobre como podemos, ou não, colaborar com sistemas de exclusão. A autorreferência, portanto, é uma abertura ao encontro com o outro a partir da escuta de si.

Dedico, então, parte da introdução para contextualizar onde e porque me encontro nesse lugar.

Vivo no Rio de Janeiro como professora de Arte, jovem, formada recentemente em Licenciatura em Artes Visuais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), atuante em escolas públicas nos municípios de Japeri e Nilópolis.

Nascida e criada em Duque de Caxias, existem contextos sociais e territoriais que influenciaram e ainda influenciam a minha trajetória profissional. Todo meu percurso escolar foi realizado em escolas privadas localizadas em Duque de Caxias, onde morei por 22 anos. Cursei todo o Ensino Fundamental, bem como a Educação Infantil, na mesma escola situada no bairro Parque Fluminense, um bairro pequeno, residencial e afastado do Centro de Caxias, que faz divisa com Belford Roxo. Já o Ensino Médio, cursei em uma escola com enfoque em preparação para vestibular e para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), localizada no centro comercial da cidade. Com exceção de escolas que atendem aos moradores de bairros considerados nobres e colégios federais, não é comum encontrar nesse município escolas com recursos escolares abundantes. Em ambas as escolas em que estudei, não havia laboratórios, salas de artes ou qualquer outro tipo de espaço diferente de uma sala de aula convencional, com exceção das quadras de esportes.

Entretanto, tive como comparar, ainda com pouca idade, a estrutura da minha escola de Ensino Fundamental privada, com outras escolas, nesse caso públicas, do meu município. Tal circunstância se deu por muitas vezes, ainda criança, ao acompanhar minha mãe, professora das redes municipais de Duque de Caxias e de Nova Iguaçu, em seu trabalho, em grande parte realizado na Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Como esse trabalho é, sobretudo, imagético, trago como primeira imagem (Figura1) uma composição feita com fragmentos de memória do meu percurso escolar

no Ensino Fundamental como forma de ilustrar esse pequeno relato. Ao esmiuçar entre muitos papéis guardados cuidadosamente pela minha mãe, encontrei a palavra “reminiscências” em uma prova de Língua Portuguesa. A palavra acompanhava uma definição: “reminiscência significa recordação vaga e quase apagada”. De fato, minhas memórias da escola são difusas, tanto nas escolas em que estudei, tanto nas que frequentei ao acompanhar minha mãe, porém, são essenciais para a forma em que me tornei sensível às questões que abordarei nesse trabalho.

Figura 1 – Reminiscências



Fonte: a autora, colagem digital, 2025.

A escolha do meu curso de graduação teve grande influência da minha mãe, ao me inserir em ambientes educacionais e, também, artístico-culturais, mesmo que, da cultura dominante, quando criança. Ademais, há na minha família muitas outras

professoras/es além da minha mãe, como tias, tios e primos que me influenciaram direta ou indiretamente.

Durante toda a infância e adolescência frequentei predominantemente o espaço da Baixada Fluminense, que não só me abrigava, como também minha família e amigos, em municípios vizinhos como Belford Roxo. Entretanto, minha mãe frequentemente me levava ao Centro do Rio de Janeiro para fazer visitas em centros culturais e museus. Aquela era uma realidade diferente da minha, tanto em relação à aparência da cidade, quanto aos ambientes internos dos centros culturais e o conteúdo que eles abrigavam. Esse distanciamento se transformou progressivamente em interesse, o suficiente para me levar à decisão de cursar Artes Visuais. Válido observar que a escolha entre fazer ou não faculdade não estava em questão e sim qual o curso seria, algo comum em núcleos familiares de classe média, como o meu, em que há certa segurança financeira para concluir estudos sem preocupações maiores. Mais adiante, durante o curso, me aproximei de pessoas e grupos ligados à Baixada Fluminense, com vivências semelhantes às minhas, além de voltar a atenção para produções artísticas e culturais fora do circuito de arte dominante.

Sigo, então, com interesse em voltar a minha prática como professora-artista aos contextos artístico-culturais-educacionais da Baixada Fluminense, agora voltado para as escolas em que atuo. Tal situação reflete nas escolhas feitas para esse trabalho, que consiste em um caderno de artista feito a partir da minha atual experiência em escolas municipais de Japeri e Nilópolis, em diálogo com os meus percursos de ir e vir a esses espaços, em sua grande parte feitos de trem.

2 O CADERNO

Atualmente, moro no bairro de São Cristóvão, no município do Rio de Janeiro. Decidi sair de Duque de Caxias, cidade onde nasci e morei por 22 anos, para tornar possível o deslocamento até as escolas. Apesar de Japeri, Nilópolis e Duque de Caxias serem cidades na mesma região, o trânsito por meio de transportes públicos entre eles não é fácil, principalmente por Duque de Caxias pertencer a um ramal ferroviário diferente. Além disso, quando iniciei esse curso, em agosto de 2024, também trabalhava no Colégio de Aplicação da UFRJ (CAp-UFRJ), localizado no bairro Jardim Botânico, de modo que o trânsito entre lugares era ainda maior.

Durante a minha graduação, desloquei-me de Duque de Caxias até o Rio de Janeiro para aulas e estágios, de ônibus e de trem, diariamente. Os trajetos tinham como destino a Escola de Belas Artes, localizada na Ilha do Fundão, a Faculdade de Educação, na Praia Vermelha, o CAp-UFRJ e o Colégio Pedro II, escolas em que realizei o estágio obrigatório, no Jardim Botânico e em São Cristóvão, respectivamente. Deslocamentos como esses, orientados por motivos como: trabalho, estudo, saúde, consumo e lazer, são elementos integrantes da realidade das grandes cidades e refletem suas desigualdades sociais e espaciais. (Aranha, 2005, p. 96). Essa movimentação pendular é comum entre moradores da Baixada Fluminense. No meu caso, a realizei para estudar em uma universidade pública. Apesar de existir alguns campi de ensino superior em nível federal na extensão da Baixada Fluminense, apenas a Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), no campus de Seropédica, oferece o curso de Licenciatura em Artes Visuais, há uma distância de cerca 60 km do bairro em que morei em Duque de Caxias.

Figura 2 – Ir ou vir novamente; voltar



Fonte: a autora, colagem sobre papelão, 2025.

Em contrapartida, agora, realizo o percurso oposto. Faço o deslocamento da cidade do Rio de Janeiro até municípios da Baixada Fluminense, realizando um percurso de retorno. O ir e vir diário, pertencente ao deslocamento do corpo físico, agora visto e sentido a partir de outra percepção. Ao pegar o trem, vou de encontro ao sentimento de pertencimento, construindo o presente a partir do meu passado. Nesses percursos o que é ir e o que é voltar se confundem. A Figura2 é uma tentativa de ilustrar tais sentimentos.

Procuro, então, enquanto corpo que se desloca por diferentes Rios de Janeiro para atuar como professora de Arte em escolas públicas da Baixada, me debruçar em torno das poéticas presentes nos cotidianos que me encontram nesses trânsitos e nos espaços escolares, e em como todas essas vivências me sensibilizam.

Trago para o caderno fragmentos retirados das inúmeras horas de trajetos de trem e a pé, sejam paisagens, texturas, dinâmicas sociais e culturais da rua, do trem e das escolas, ilustrados na Figura 3. A partir disso, faço o exercício de transformação dessas vivências em uma narrativa poética de percepção.

Figura 3 – Linha: direção contínua em determinado sentido



Fonte: a autora, fotomontagem, 2024.

A leitura do *Guia afetivo da periferia*, de Marcus Vinícius Faustini (2009), integrou de forma significativa o processo de reflexão sobre esses deslocamentos. A obra propõe uma cartografia sensível e subjetiva da cidade, a partir da experiência vivida pelo narrador. Ao valorizar as trajetórias, os afetos e os vínculos construídos com/nos espaços urbanos marginalizados, Faustini rompe com narrativas que tendem a silenciar essas vivências. Sua escrita autobiográfica contribui para pensar as periferias não apenas como espaços de carência, mas como territórios de criação.

Ademais, a montagem deste caderno dialoga com o recurso “diário de bordo”, tendo em vista a ideia do registro dos encontros presentes nos deslocamentos e no cotidiano escolar, nesse caso, predominantemente através de imagens. O diário de bordo carrega consigo um caráter processual e de pesquisa e é utilizado em diversos contextos até hoje, inclusive na Educação. Apesar de ter como principal finalidade o registro, em forma de relato, ele é uma eficiente alternativa para constituir uma visão reflexiva e crítica sobre o que está sendo registrado, com marcas das subjetividades da narrativa do autor. De acordo com Rafael Porlán e José Martín (2001, p. 23), o diário pode funcionar como um recurso metodológico central na prática docente, permitindo que a professora reflita, de forma recorrente, sobre os aspectos mais significativos da

dinâmica em que está inserido. Além disso, o uso contínuo do diário possibilita aprofundar o olhar sobre questões específicas ao longo do tempo, sem perder as referências ao contexto².

Como uma professora/artista que acredita que o fazer artístico e o ensinar arte não se separam, este diário/caderno engloba o que está fora da escola e experiências vividas dentro da escola, sem seguir uma ordem cronológica.

O cotidiano escolar integra este trabalho, também, nas imagens que são produzidas, em sua maioria, por meio de objetos como impressoras, guilhotina e perfuradores de papel, a câmera do celular, lápis de cor e canetinhas. Objetos típicos do cotidiano de uma professora (artista ou não).

² Tradução livre da autora a partir do original em espanhol.

3 DO ATO DE COLECIONAR COTIDIANOS

No Dicionário Michaelis *online*³, ao buscar o significado da palavra “coleccionar”, encontramos a seguinte acepção: “Fazer coleção de; reunir um conjunto de coisas por gosto ou passatempo; coligir, compilar, juntar, reunir”. Abraham Moles (1981, p. 137-139) afirma que a coleção é “uma série infinita de objetos reunidos para um fim não funcional, mas de estética sociológica” e que “a ideia de iniciar uma coleção resulta muitas vezes do acaso ou da aproximação de alguns elementos, a qual dá a ideia de pertencer a um conjunto”.

Com a construção do caderno, procuro explorar e exercitar um olhar atento às visualidades dos cotidianos que rodeiam a minha prática docente, dentro e fora da escola. Deslocar-se até a escola é parte integrante da rotina de qualquer professora. No meu caso, até escolas localizadas nos municípios de Japeri e Nilópolis. Utilizo para isso, em maior parte, o trem. Porém, faço também trajetos a pé. Entre casa e estação, entre estação e escola, tenho a possibilidade de ver o que encontro pelo caminho com certa demora e repetidas vezes, percebendo uma grande quantidade de detalhes, que são inesgotáveis.

Nesses muitos “algos”, coisas se repetem ao mesmo tempo que se diferenciam: portões, caixas de correios, as sinalizações dos números das casas. Surge, então, um interesse de coleccionar esses cotidianos, de forma atenta a essas pequenas grandes diferenças. Principalmente, por não estar em uma situação de passividade em relação à visualidade desses caminhos, que me invade todos os dias.

³ Disponível em <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/coleccionar%20/>. Acesso em 11/05/2025

Figura 4 – Abertura por onde se faz uma ligação, se estabelece uma comunicação ou que serve para ver o outro lado



Fonte: a autora, adesivos sobre papel Canson, 2025.

Comecei pelas janelas, como se vê na Figura 4. Objetos que nos permitem ver através, recortadores de paisagens e perspectivas. Para quem as vê do lado de fora, são molduras do desconhecido. Faço, então, uma coletânea de janelas que estão presentes nesses caminhos que faço a pé, seleciono as que mais me chamam atenção, seja pela cor, pelo formato, pelo tamanho, pelas marcas do tempo ou de presença humana. Tudo aquilo que chama a minha atenção o suficiente para entrar nessa coleção, que faço em formato de adesivos, figurinhas, em uma tentativa de retornar à prática colecionista de quando criança ainda existente entre crianças na escola.

Apesar de a Figura 4 estar completa, no que diz respeito à composição, o ato de colecionar está em aberto, podendo se desdobrar em outras imagens compostas por outras janelas desses trajetos. Faz parte da coleção a característica da infinidade. Como afirma Moles (1981, p. 138), “a coleção é um fenômeno da Gestalt. Ela é caracterizada pela imagem de uma forma traduzida numa forma imperfeitamente fechada, portanto aberta ao futuro.”

Ademais, nesse trabalho, procuro desvincular a noção de colecionar a uma

prática capitalista, comum no mundo da arte em que objetos artísticos são vistos como objetos de luxo. Essa percepção do colecionismo pode ser vista de maneira disruptiva nas obras do artista Arthur Bispo do Rosário, por exemplo. Nascido em Sergipe, em 1909, Bispo passou grande parte de sua vida na Colônia Juliano Moreira, um antigo hospital psiquiátrico no Rio de Janeiro. Dentre sua extensa obra produzida entre os anos 1938 e 1989, tempo em que esteve na Colônia, exceto breves intervalos, estão as *Vitrines* (Figura 5).

Figura 5 – Talheres



Fonte: Arthur Bispo do Rosário, objetos sobre tecido, sem data⁴.

⁴ Disponível em: <https://museubispodorosario.com/acervo-2/talheres/>. Acesso em: 20 jun. 2025

Faziam parte das *Vitrines*, denominadas como *assemblage* por Frederico Moraes em sua catalogação, objetos do cotidiano, como canecas, botões, sapatos, pentes e talheres, que Bispo selecionava e organizava em estruturas verticais, a partir de sua própria relação com eles. No texto *Objeto, memória e narração no processo de criação de Arthur Bispo do Rosário*, Cláudia Maria Silva (2020) investiga essa ordenação de objetos por Bispo do Rosário como um ato poético relacionado a memória, no qual itens do cotidiano são ressignificados:

O ato de colecionar fragmentos, objetos descartados e sucatas, não é sem sentido; a dinâmica da produção industrial equalizou a velocidade da produção de bens ao seu consumo e descarte; o volume de bens culturais já produzidos impõe-nos a apropriação, a citação, o colecionismo, o trabalho da memória. A memória de Bispo espacializa-se nas diferenças entre objetos afins, vestígios de uso, imagens imaginadas e solicitadas pelos textos lidos e bordados, nas combinações de cores, linhas, formas e texturas, na maneira de agrupar objetos (SILVA, 2020).

Nesse sentido, a ação de colecionar objetos se distancia de uma ação capitalista, a qual a produção desses objetos está relacionada, e se aproxima de uma ação poética, subjetiva. De forma próxima, procuro colecionar os cotidianos presentes nos meus percursos, especialmente as janelas. Não como objeto, apesar de o ato de colecionar e a noção de objeto estarem tão próximas, mas as suas particularidades, que se tornam concretas através de registros fotográficos e posteriormente, figurinhas.

Dentre todas essas janelas, duas se destacam. As janelas da sala de artes da escola de Japeri. Fico grande parte das minhas horas de trabalho nesse espaço. As duas janelas estão posicionadas na parede paralela à porta, uma ao lado da outra. Feitas de ferro e vidro canelado, elas nos permitem ver o principal pátio da escola, a céu aberto, com o portão de saída e entrada dos estudantes. Também é possível ver parte do prédio principal, com outro portão de entrada e saída. Parte do que está fora da escola complementa a visão.

A janela permite que a vida entre no espaço de criação artística, permitindo ouvir e ver outros espaços da escola. Pessoas passam no pátio, carros e ônibus passam na rua. Estudantes do lado de fora se comunicam com estudantes do lado de dentro, colocando o rosto entre a grade formada por estrelas de quatro pontas que protegem as janelas (Figura 6). Apesar de a grade não ter como principal objetivo a proteção, o trabalho a seguir dá ênfase ao seu potencial estético. Cada estrela da grade cria uma composição única com o lado de fora. No mesmo sentido da imagem anterior, coleciono essas composições na forma de figurinhas.

Figura 6 – Recortar, colocar de permeio; intervalar, entremear



Fonte: a autora, 2025, adesivos sobre papel Canson.

4 O TREM

Meus olhos veem tudo com sua lente, placas nas ruas, letreiro com propagandas, e todo o caos à frente. Meus olhos enxergam, mas nem tudo gostam de ver. São milhares de passos rumo ao trabalho árduo. Movemos tudo e o suor das nossas testas, se acumulam junto ao lucro dos senhores. Vejo as estações passarem e os milhares caçando uma vaga de descanso, apertados, pedindo para que o tempo passe logo. Meus olhos veem a fé. O menino sábio, o peso do coletivo e a recompensa do trabalho. Meus olhos estão cansados, mas sempre alerta, não dormem. Em Deodoro troco de ramal e se der mole é triste o intervalo (Cruz, 2023)⁵.

Durante a semana, passo aproximadamente dez horas dentro de trens que compõem o Ramal Japeri, linha muito utilizada e extensa no Rio de Janeiro. Vinte e sete estações ligam São Cristóvão a Engenheiro Pedreira (Japeri), e vinte ligam São Cristóvão a Olinda (Nilópolis) na operação da manhã, através do *trem parador*⁶. Tamanho tempo e espaço me atravessam, com seus turbilhões de sons, imagens e acontecimentos, incluindo tempo e espaço em que escrevi algumas páginas desse trabalho. Seria difícil, portanto, pensar minha vivência docente e não levar em consideração tal fato.

Em placas das estações ou adesivado nas paredes dos trens, o mapa de linhas. Utilizado como fonte de informação e localização durante as viagens, principalmente em momentos em que o aviso sonoro e os painéis digitais não funcionam perfeitamente. Contudo, raras foram as vezes que vi alguém se informando através do mapa de linhas, não é difícil memorizá-lo depois de tantas repetidas viagens: Olinda, Nilópolis, Edson Passos, Mesquita e assim por diante.

A Figura 7 é composta por um recorte desse mapa, especificamente, os caminhos que percorro para ir de encontro as escolas. Na volta, devido ao horário, os trens já estão operando como *expressos*, ou seja, não param em todas as estações.

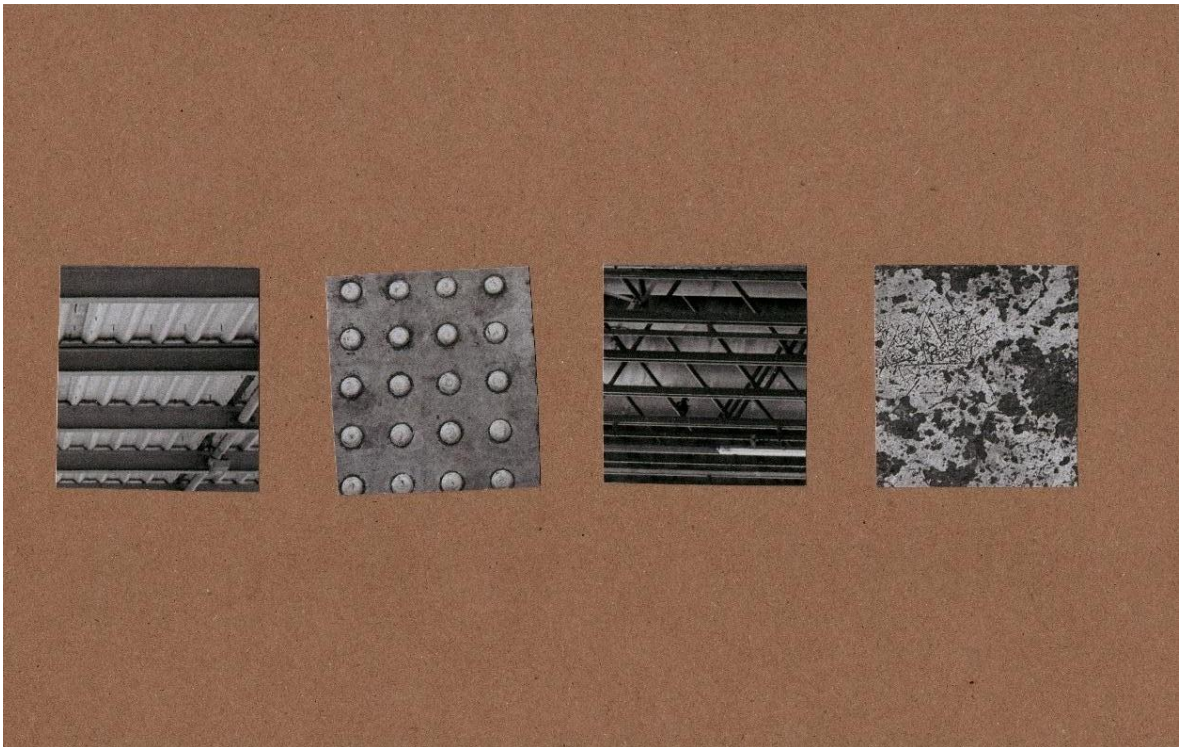
⁵ Livro adquirido diretamente com o autor, em edição artesanal vendida nos trens da SuperVia, Rio de Janeiro, em 2025.

⁶ No Rio de Janeiro, trem urbano que para em todas as estações.

professora- artista em trânsito: “Meus olhos veem tudo com sua lente, placas nas ruas, letreiro com propagandas, e todo o caos à frente” (Cruz, 2023). Essa afirmação sensível, e ao mesmo crítica, demonstra uma observação e experiência de quem vive aquele espaço cotidianamente. É nesse mesmo sentido, da observação das imagens visíveis e invisíveis, que seleciono, na Figura 8 e Figura 9, as quais dei o título único de *Olhar é o ato de ver com intenção*, fragmentos visuais, símbolos e texturas arrancados do cotidiano das viagens, transformados em pequenas imagens coladas sobre papel, figurinhas. Nessa prática, o trem deixa de ser apenas um meio de transporte e se torna meio de investigação poética, onde o deslocamento físico abre espaço para *percorrer*.

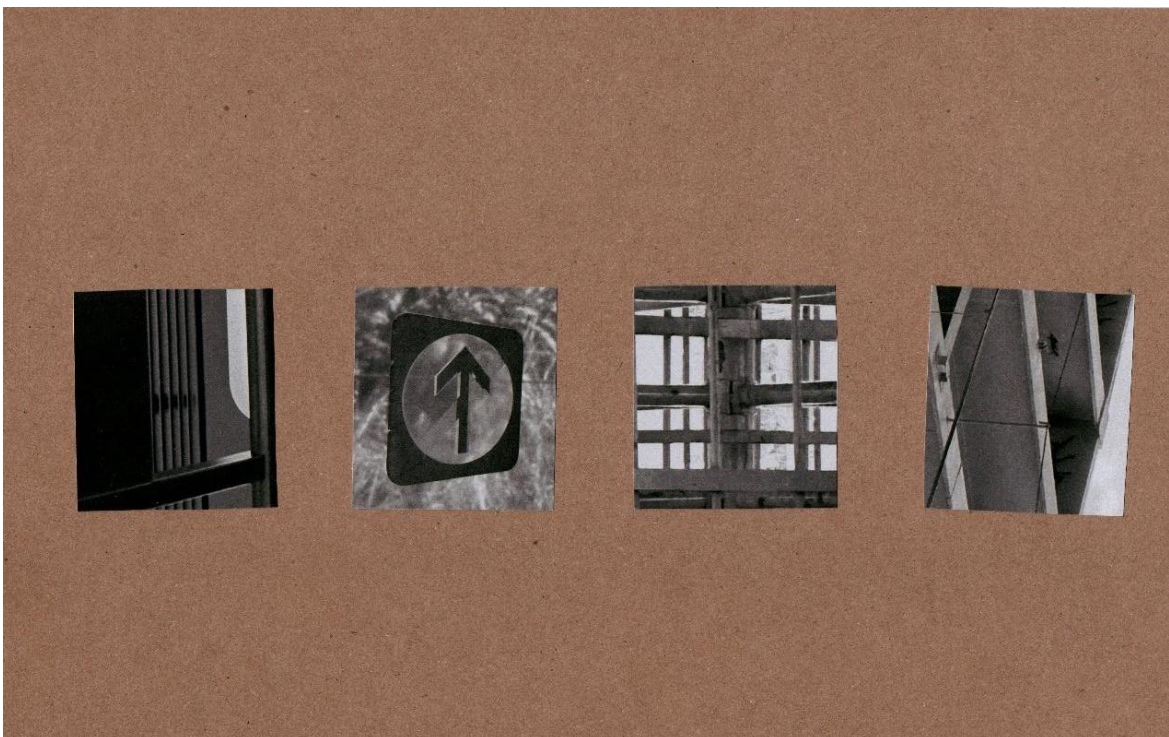
Durante a realização desse trabalho fiz diversas fotografias no/do trem com a câmera do celular, ferramenta escolhida para os registros desse trabalho, de forma que foi difícil escolher, de fato, o que entraria no caderno. As figurinhas das imagens abaixo (Figuras 8 e 9), caminham entre texturas, recortes e símbolos que, apesar de toda sua invisibilidade cotidiana, podem nos gerar reflexões se observadas com mais tempo e atenção. A tinta desbotada no chão forma uma textura abstrata e, até mesmo, bonita. A geometria presente nos tetos das estações pode nos tirar tempo, depois de despertada a curiosidade.

Figura 8 – Olhar é o ato de ver com intenção



Fonte: a autora, adesivos sobre papel Canson, 2025.

Figura 9 – Olhar é o ato de ver com intenção



Fonte: a autora, adesivos sobre papel Canson, 2025.

Na Figura 9, na segunda figurinha a partir da esquerda, um recorte de um dos símbolos que mais vemos espalhados pelo trem. Trago para dialogar com essa figura, uma obra do artista visual Conativo, nascido e criado em Duque de Caxias, chamada *observe o espaço-entre* (Figura 10).

Figura 10 – observe o espaço entre



Fonte: Conativo, Acrílica sobre tela, 2024.⁷

Conativo relaciona o mesmo símbolo com uma frase onipresente nos trens e estações: “Passageiro, observe o espaço entre o trem e a plataforma.” Na obra, o artista, a partir da visualidade e sonoridade do trem, propõe uma reflexão, a partir de sua

⁷ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/DDXXgm3RXvY/>. Acesso em 09 jul. 2025.

vivência, sobre os deslocamentos diários e da observação crítica dos “espaços-entre”, os vãos que existem entre os territórios da Baixada Fluminense e do Rio de Janeiro. A obra, ao colocar o símbolo de proibição acima de uma paisagem da Zona Sul do Rio de Janeiro, se relaciona com o desejo de outras centralidades possíveis.

Nesse sentido, ao ser uma professora atuante na Baixada Fluminense, a procura de novas formas de viver espaços marginalizados, considero o estar no trem, então, parte do trabalho artístico-pedagógico que realizo como professora/artista. Nesse lugar, observo, penso, escuto, leio, converso. Essa experiência não se encerra quando chego às escolas. As estações e o deslocamento feito de trem fazem parte do cotidiano escolar, envolvendo funcionários, estudantes e suas famílias. Encontro com colegas de trabalho nos vagões, conversamos sobre a escola. No grupo de *WhatsApp*, uma mensagem diz que o trem está atrasando hoje. Alguns estudantes, diante das limitações impostas pelos contextos sociais em que estão inseridos, trabalham no trem. Essas relações aparecem nas produções das/dos estudantes como nas IMAGENS 11 e 12, em desenhos feitos em aulas sobre Arte e Patrimônio⁸ e Arte e Paisagem, respectivamente.

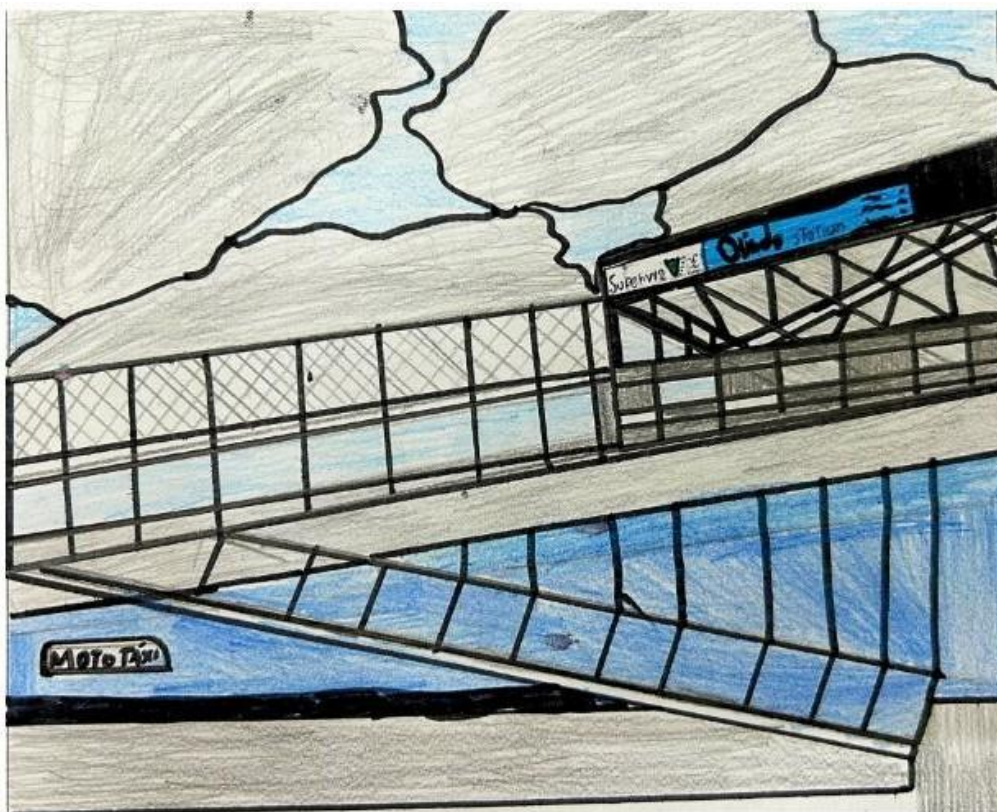
Figura 11 – Estação de Japeri



Fonte: Estudante do 7º ano de Japeri, desenho, 2025.

⁸ A atual “Estação Japeri” foi tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) como Patrimônio Cultural Ferroviário Nacional, em 2010.

Figura 12 – Estação de Olinda



Fonte: Estudante do 8º ano de Nilópolis, desenho 2025.

Partindo do sentido de observação atenta aos detalhes, procuro abordar, também, além das imagens, a escuta ativa aos sons dos cotidianos, especialmente em um dos lugares mais “barulhentos” do Rio de Janeiro: o trem. Tal “barulho” configura a dinâmica cultural do lugar e, apesar do trabalho ser predominantemente interessando em visualidades, é difícil ser ignorado. A Figura 13 é uma tentativa de registro visual da ambiência sonora encontrada no trem do Rio de Janeiro. Lugar onde anúncios de camelôs, apresentações de rap *freestyle*, a sinalização sonora dos alto-falantes, conversas entre passageiros, se encontram, se atravessam e atravessam quem está presente, imerso nessa experiência de sentidos humanos. Podemos, então, pensar a ideia de território sonoro, através das potencialidades que as imagens sonoras que compõem determinados espaços têm de expressar a vida coletiva, os simbolismos e as práticas dos grupos que os habitam (Vedana, 2010).

5 DO COTIDIANO ESCOLAR E O ENSINO DE ARTES VISUAIS

“Somos esse acúmulo de ações e acontecimentos culturais cotidianos, insignificantes, mas formadores necessários” (Alves, 2003, p. 62). Inspirada por Nilda Alves (2003), construo esse capítulo com o objetivo de ir contra o imaginário pejorativo sobre a escola pública da Baixada Fluminense, como uma forma de relato de experiência. Busco, por meio das imagens deste caderno, evidenciar afetos, saberes e práticas que aparecem nos encontros diários, e nas práticas artísticas. Com afirma a autora, ao contar uma breve história das pesquisas do/no cotidiano:

[...] o importante é perceber que devemos estudar as escolas em sua realidade, com elas são, sem julgamentos a priori de valor e, principalmente, buscando a compreensão de que o que nela se faz e se cria precisa ser visto como uma saída possível, naquele contexto, encontrada pelos sujeitos que nela trabalham, estudam e vão levar seus filhos (ALVES, 2003, p. 65).

Escolas públicas municipais, especialmente da Baixada Fluminense, são alvos de comentários negativos a todo tempo. De fato, a educação pública nessa região do Rio de Janeiro, bem como em diversas outras regiões do país, não recebe o investimento necessário, tendo carências na estrutura, de material e de pessoal. Entretanto, há pensamentos acerca dessas escolas que vão além de críticas ao sistema, e desdobram em pensamentos preconceituosos direcionados a quem ocupa esses lugares como estudantes: crianças periféricas e, em sua grande maioria, crianças negras. Desde que fui aprovada nos concursos, costumo escutar tais comentários, que vêm de diferentes naturezas e de pessoas de todos os âmbitos da minha vida. Tenho como objetivo, trazer para as imagens os afetos, saberes, práticas que estão inseridas nesse contexto.

Tenho o costume de fazer fotografias durante as aulas o tempo todo, mesmo antes de começar esse trabalho. Acredito, que, seja uma forma, inconsciente e consciente, de afirmar “há coisas boas acontecendo aqui”. A Figura 14, abaixo, é composta quatro das inúmeras fotografias que coleciono, que respondem a essas indagações do imaginário pejorativo acerca de escolas públicas do município da Baixada Fluminense. São fotografias feitas durante as aulas, com os estudantes envolvidos em práticas artísticas, em que não é possível enxergar nada a se temer ou a menosprezar.

Não tenho o interesse de propor uma perspectiva romântica, ignorando problemáticas sociais. Neste trabalho, procuro trazer apenas uma perspectiva pautada na autorreferencialidade e no afeto, reconhecendo os contextos sociais e de opressão em que as escolas estão inseridas. Minha intenção é trazer, através de imagens, um olhar sensível para os cotidianos escolares, diferente do olhar já constituído sobre a escola pública das periferias urbanas, como lugares a se temer, em que não existe o desejo de estar, nem como profissional, nem como estudante.

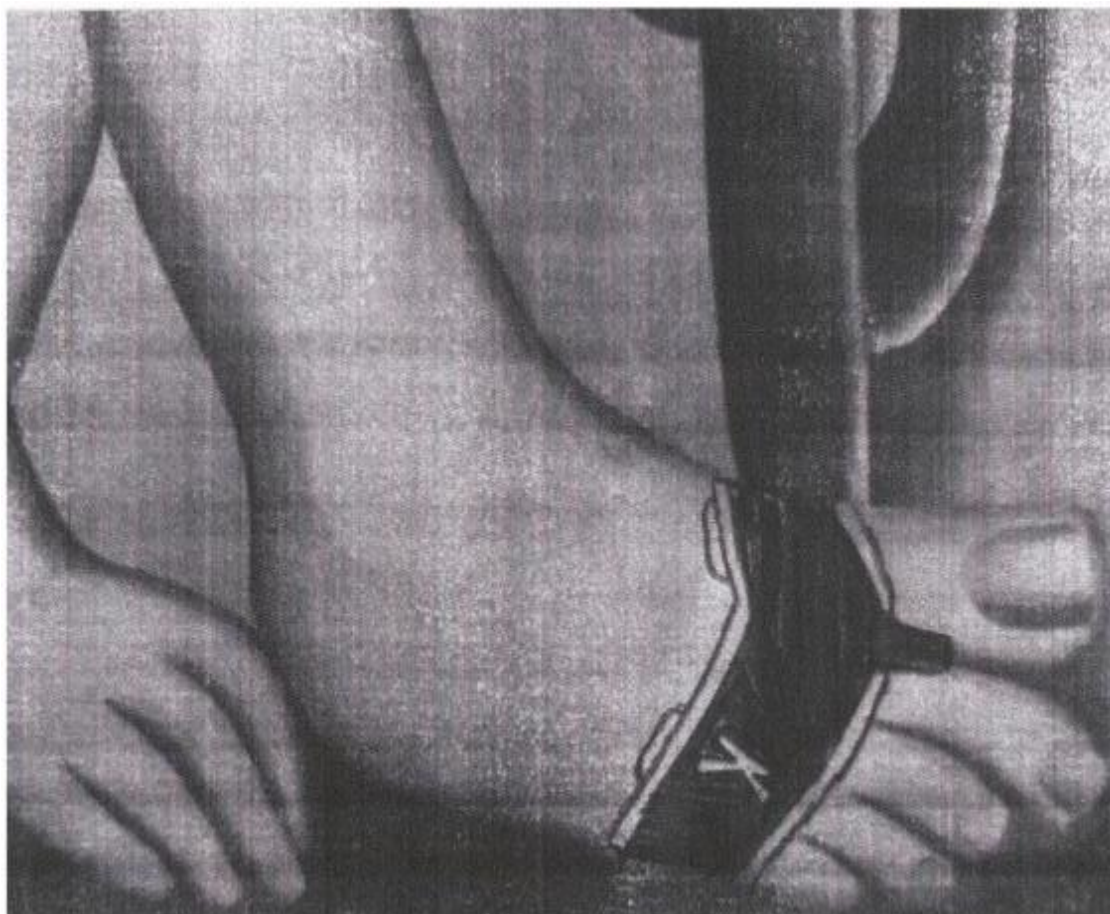
Figura 14 – Cotidianos



Fonte: a autora, desenho, 2025.

Escolho colecionar neste caderno de artista, então, o que as/os estudantes trazem para dentro de sala de aula. Palavras, expressões, experiências, pensamentos, o que faz delas/deles coautoras/es do espaço de sala de aula. Um exemplo, é a Figura 15 produzida em aula por um estudante do 9º ano do Ensino Fundamental da escola de Nilópolis. A partir da obra *Abaporu* da artista Tarsila do Amaral, feita na copiadora da escola, o estudante fez uma intervenção com caneta esferográfica preta, vestindo o pé da figura com um calçado de seu cotidiano. A proposta da aula era repensar o conceito de *moderno*, pensando no que era considerado moderno em 1922, e o que é considerado moderno em 2025.

Figura 15 – Diz-se modernista aquele que valoriza e usa mais as coisas modernas

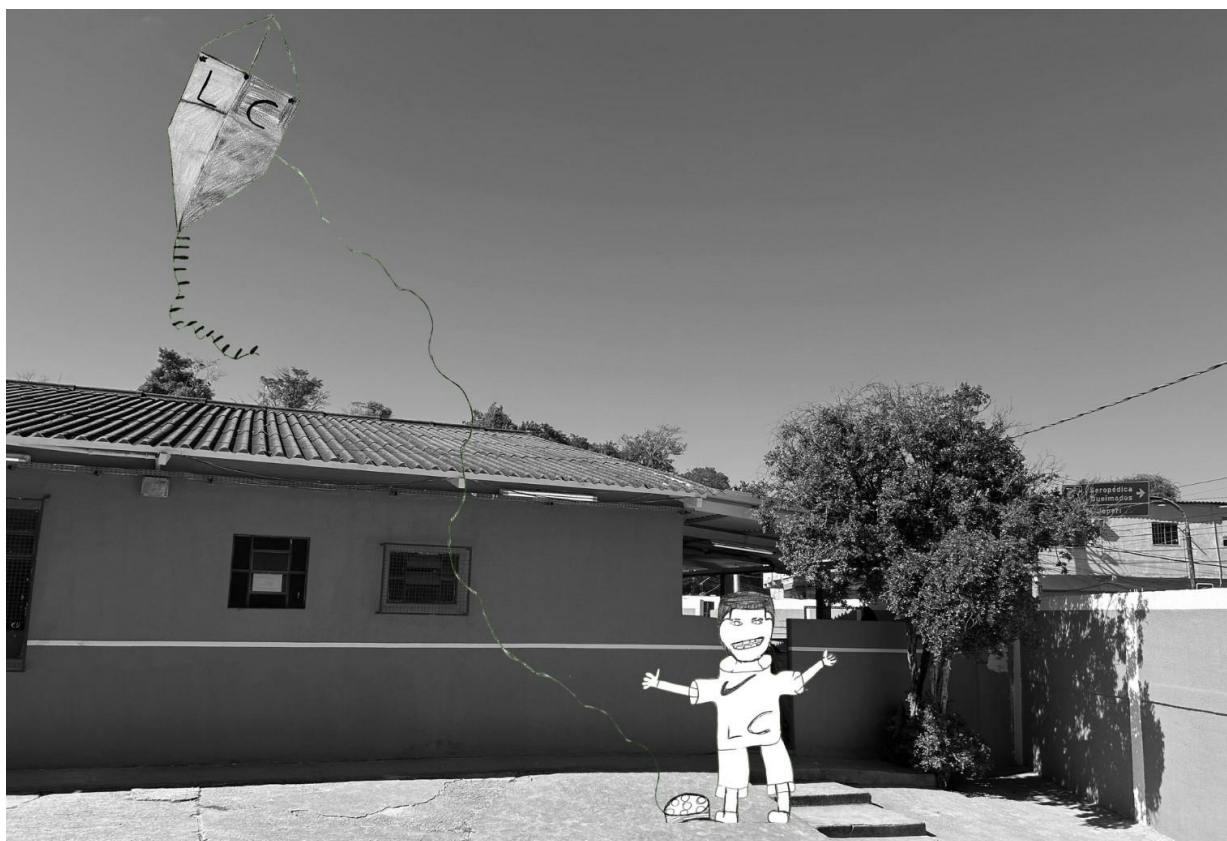


Fonte: Estudante do 9º ano de Nilópolis, desenho sobre fotocópia, 2025.

Já as imagens a seguir (Figuras 16, 17, 18 e 19), tratam de uma escolha que fiz, dentre tantas possibilidades, para abordar essa co-autoria do espaço de sala de aula, em que os estudantes trazem suas vivências de fora para dentro da escola. A série *Se a escola levasse a gente a sério, deixava soltar pipa no recreio* consiste em fotografias

da escola, em que é possível ver, também, partes do que está do lado de fora dela, céu, rua, paisagem. As fotografias se configuram como cenários para os incontáveis desenhos de pipa que aparecem nas aulas de arte. O objeto e a ação de soltar pipa carregam consigo uma enorme possibilidade de diálogos e simbolismos. É uma atividade que pode ser exercida de forma solitária ou em grupo, que colore o céu em meses de férias escolares, sendo um ponto de encontro entre crianças pertencentes a uma mesma comunidade. Para os olhos das/dos estudantes, uma brincadeira. Nesse trabalho, um objeto poético. Esse tipo de atividade ainda possui muita força em regiões periféricas do Rio de Janeiro, assim como o futebol e o “brincar na rua até tarde”. Esses acontecimentos culturais são levados até sala de aula, através de desenhos, linguagem mais trabalhada nas aulas que leciono por conta da escassez de recursos. As pipas invadem as folhas de papel branco A4, assim como invadem o céu em meses de janeiro. As imagens dessa série foram feitas unindo digitalmente fragmentos de desenhos de estudantes em que aparecem pipas e fotografias feitas por mim com a câmera do celular dos espaços da escola. As IMAGENS 20 e 21 são imagens que originaram a Figura 18, por exemplo.

Figura 16 – Se a escola levasse a gente a sério, deixava soltar pipa no recreio



Fonte: a autora, desenho, 2025.

Figura 17 – Se a escola levasse a gente a sério, deixava soltar pipa no recreio



Fonte: a autora, desenho, 2025.

Figura 18 – Se a escola levasse a gente a sério, deixava soltar pipa no recreio

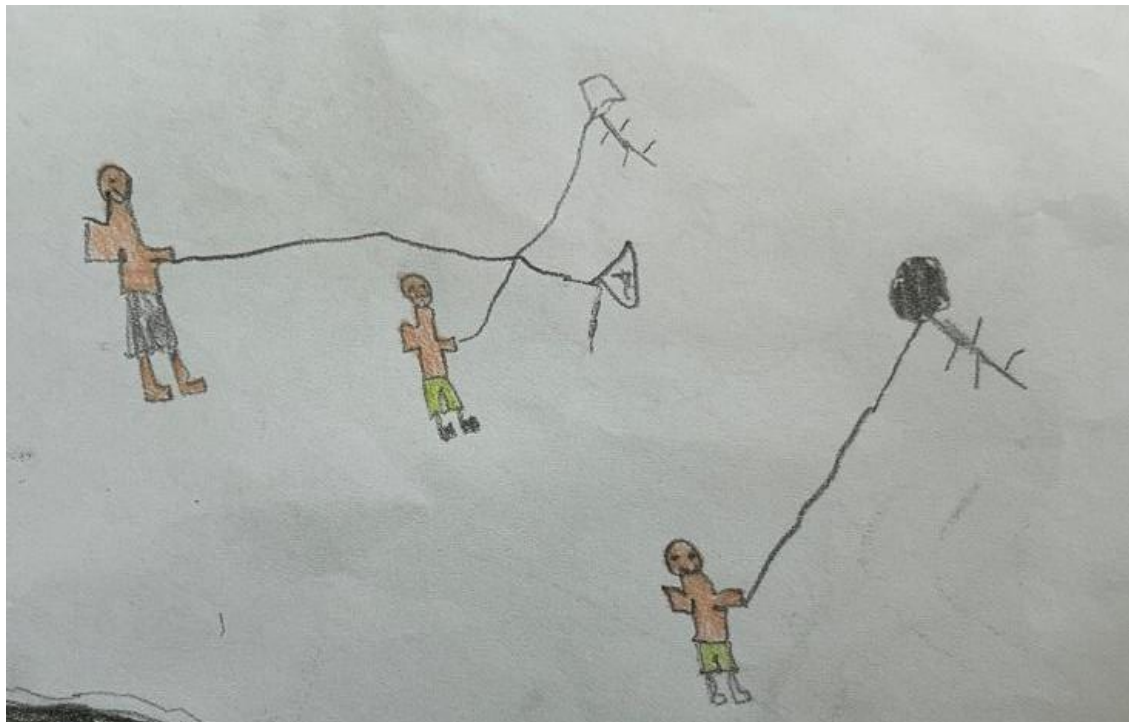


Fonte: a autora, desenho, 2025.

Figura 19 – Se a escola levasse a gente a sério, deixava soltar pipa no recreio



Fonte: a autora, desenho, 2025.

Figura 20

Fonte: Estudante do 7º ano de Japeri, Desenho, 2025.

Figura 21

Fonte: a autora, fotografia, 2025.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escolha de fazer este trabalho de conclusão de curso partiu de uma tentativa de unir estudo e prática. Ao começar a atuar como professora em escolas públicas da Baixada Fluminense, surgiram em mim muitas dúvidas sobre o que faço, como faço e por que faço. Este trabalho nasce desse desejo de olhar com atenção para minha prática docente.

Ao longo do curso, tive contato com novas formas de saber, fazer e ver. Porém, sobretudo, pude reconhecer os saberes e fazeres já presentes nos contextos em que habito. Esse reconhecimento exige escuta, presença e um olhar sensível para aquilo que muitas vezes é considerado invisível. “Onde fica Nilópolis?” Eu nem sabia que Japeri existia”, são frases que escuto cotidianamente. Escrever, fotografar, colar, olhar foram formas de me aproximar das potências presentes nos trajetos, nas escolas, nos cotidianos.

Por fim, proponho que o *percurso* não acabe. Saímos da estação de São Cristóvão, fomos à escola e pegamos o trem de volta na estação de Engenheiro Pedreira. Fizemos o percurso trem-escola-escola-trem, que realizo todos os dias, observando através dos olhos de uma professora-artista. O que é um trem-escola? Ou uma escola-trem? Para as minhas vivências como professora, o trem não se separara da escola, bem como a escola não se separa do trem. Encerrando esse trabalho com a Figura 22 e compartilho um novo sentido para a palavra *voar*, que aprendi com os estudantes das escolas onde atuo. Deixo, a quem lê, a liberdade de atribuir a essa palavra, a partir de suas próprias vivências, o sentido que desejar.

Figura 22 – Busca realizar, conquistar



Fonte: a autora, fotografia, 2024.

REFERÊNCIAS

- ARANHA, Valmir. **Mobilidade pendular na metrópole paulista**. *São Paulo em Perspectiva*, São Paulo, v. 19, n. 4, p. 96-109, out./dez. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/spp/a/9VhhZsBffDzSsw7HwmfTqrP/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 jun. 2025.
- CRUZ, Wallace. **Ramal Brasil**. Rio de Janeiro: *Dislexcrita*, 2023.
- FAUSTINI, Marcus Vinícius. **Guia afetivo da periferia**. Rio de Janeiro: *Aeroplano*, 2009.
- HARAWAY, Donna. **Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial**. Tradução de Mariza Corrêa. *Cadernos Pagu*, n. 5, p. 7–41, 1995.
- VIEIRA, Helena. **Feminilidades, poder e contemporaneidade**. [Youtube], 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YAkGcJxPfpI>. Acesso em: 9 jul. 2025.
- MORAGA, Cherríe. **La Güera**. In: ANZALDÚA, Gloria; MORAGA, Cherríe (org.). *Este puente, mi espalda: voces de mujeres tercermundistas en los Estados Unidos*. Madrid: Traficantes de Sueños, 2019. p. 25–33.
- MOLES, Abraham A. **Teoria dos objetos**. Rio de Janeiro: *Tempo Brasileiro*, 1981.
- ALVES, Nilda. **Cultura e cotidiano escolar**. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 23, p. 62–74, maio–ago. 2003. DOI: 10.1590/S1413-24782003000200005.
- PORLÁN, Rafael; MARTÍN, José. **El diario del professor: un recurso para la investigación en el aula**. Sevilla: *Díada*, 1997.
- SANTOS, Marilane Abreu. **Costurando memórias: Arthur Bispo do Rosário e a recriação do universo**. 2008. Dissertação (Mestrado em Memória Social) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Memória Social, Rio de Janeiro, 2008.
- FRANÇA, Cláudia. **Objeto, memória e narração no processo de criação de Arthur Bispo do Rosário**. *Revista Estado da Arte*, Uberlândia, v. 1, n. 1, p. 71–83, jan./jun. 2020. DOI: 10.14393/EdA-v1-n1-2020-55627.
- VEDANA, Viviane. **Territórios sonoros e ambiências: etnografia sonora e antropologia urbana**. *Illuminuras*, Porto Alegre, v. 11, n. 25, p. 1–20, 2010. DOI: 10.22456/1984-1191.15537. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/iluminuras/article/view/15537>. Acesso em: 11 jun. 2025.